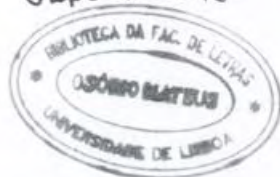


JAIME SALAZAR SAMPAIO
TEATRO COMPLETO

II



UFL 071 00076



JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

II

MAGDALENA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

A PROPOSTO DE O MEU IRMÃO AUGUSTO

O MEU IRMÃO AUGUSTO

de Paulo de Carvalho de Souza, Rio de Janeiro, 1964. 160 páginas. Imprensa Nacional do Brasil, S.A. (INB). Preço: 100 cruzeiros. O livro foi publicado em 1964 e é dedicado ao filho do autor, Augusto, nascido em 1928.

Este livro de Augusto é uma obra de ficção e poesia e a poesia é a poesia do Brasil. O livro é uma obra de ficção e poesia e a poesia é a poesia do Brasil. O livro é uma obra de ficção e poesia e a poesia é a poesia do Brasil.

A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto. A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto.

A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto. A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto.

A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto. A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto.

A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto. A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto.

A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto. A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto.

Este livro é a obra de Augusto, a obra de Augusto, a obra de Augusto.

A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto. A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto.

A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto. A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto.

A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto. A parte de prosa é a prosa de Augusto, a prosa de Augusto, a prosa de Augusto.

O MEU IRMÃO AUGUSTO

PERSONAGENS

JOSÉ

GUILHERME, mordomo

FERNANDA, secretária

AUGUSTO, irmão de José

ELE E ELA, casal idoso

ANTECESSORA (de Fernanda)

«Justamente porque tudo é tão incerto, incluindo as nossas próprias identidades, é que nós precisamos de consolação e necessitamos de pretextos para a afeição. Esses pretextos são os papéis que desempenhamos.»

L. PIRANDELO

Uma sala, de forma irregular. Numerosos biombos (ou cortinas) encobrem, aqui e além, pequenos nichos, que, a seu tempo, irão sendo revelados.

José, de costas para o público, está sentado a uma secretária, de braços caídos ao longo do corpo. Um tempo. Afastando uma cortina, entra, pela esquerda alta, um outro homem. É Guilherme, o mordomo. Pomposo e vestido de negro. Guilherme faz um sinal para fora de cena e logo entra Fernanda, uma rapariga de boina, com uma malinha debaixo do braço. Fernanda olha em volta, vagamente receosa. Guilherme, com um novo gesto, manda a rapariga aproximar-se de José. Ela obedece, com crescente receio. Como José parece não dar por ela, Guilherme tosse, significativamente, duas ou três vezes. José, mudando a cadeira de posição, enfrenta Fernanda. Guilherme, discreto, sai pelo fundo. Um tempo. José indica a Fernanda uma cadeira junto dele, convidando-a a sentar-se. Esta hesita mas acaba por sentar-se numa outra cadeira, muito longe de José. Este olha-a, com severidade. Um tempo.

JOSÉ (a Fernanda; solene) — O meu Irmão Augusto... *(Dá um estalinho com os dedos, indicando a Fernanda que se aproxime. Esta, atarantada, tira uns papéis da carteira e corre a entregá-los a José, voltando a sentar-se na sua cadeira, muito direitinha e apertando a mala contra o peito.)*

JOSÉ (folheando os papéis; tom ausente) — O meu Irmão Augusto encarregou-me... *(Examinando um dos papéis com súbito interesse, sorri enlevado.)* Ah!... Muito bem!... Para além do seu curso de Enfermagem... desgraçadamente indispensável... do seu diploma de Estenodactilografia e das melhores... das melhores... mas das melhores referências... vejo com agrado que a Menina... *(folheando papéis, até encontrar o nome)* ... a Menina Fernanda Maria... também fez Teatro!

(Ouvindo estas palavras, Fernanda, inesperadamente, traça a perna, assumindo uma atitude provocante.)

JOSÉ (observando-a) — Fez Teatro, fez... Vê-se muito bem *(Tomando uma decisão, dobra os papéis e entrega-os a Fernanda.)* Olhe: pode considerar-se... praticamente... contratada... *(Em tom misterioso.)* A não ser que, é claro... por motivos imprevistos...

(Fernanda reassume a sua atitude inicial, recatada e tímida. José levanta-se.)

JOSÉ (deambulando, em torno de Fernanda) — O meu Irmão Augusto encarregou-me de seleccionar para o seu serviço uma nova... colaboradora. *(Um tempo.)* Segundo as suas próprias palavras, a candidata, para ser escolhida, terá de ser jovem, dinâmica e...

(Ouvindo estas palavras. Fernanda mostra-se exuberante.)

JOSÉ (autoritário) — ... E discreta... Melhor dizendo: apagada... O termo é esse: a-pa-ga-da. *(A meia voz, olhando em volta.)* Já cá tivemos uma que era esperta de mais e deu mau resultado.

(Fernanda volta imediatamente à sua pose tímida, sentando-se na ponta da cadeira.)

JOSÉ — Se eventualmente a candidata... que no caso vertente já sabemos que fez Teatro... tiver interpretado algum drama português do presente século, marcará um ponto a seu favor... *(Vendo que Fernanda hesita na atitude a tomar.)* ... Talvez decisivo!...

(Vencendo a hesitação, Fernanda levanta-se, tira a boina que pendura num cabide e logo se ajoelha no chão, representando, com voluntário exagero, uma tirada.)

FERNANDA (ajoelhada) — «Quando a cova se abriu, todos tremiam. El-rei ouvi-me bem: El-rei D. Pedro! — pegou na enxada, que era do coveiro, e, ele mesmo, nas lajes, de joelhos, se pôs a tirar terra»... A tirar terra, a tirar terra, a tirar terra...

(José, enfasiado, bate palmas de circunstância.)

FERNANDA (com uma vénia exagerada) — António Patrício: *Pedro o Cru*, acto terceiro, cena...

JOSÉ (impaciente) — 'Tá bem, pronto. Deixemos isso. (Pausa.) A sua antecessora, ao que parece, também tinha pisado as tábuas... (Por detrás de uma cortina convenientemente iluminada, surge um vulto feminino. Veste-se exactamente como Fernanda e é, por convenção, a sua «antecessora».)

JOSÉ (prosseguindo, sem reparar no «vulto») — ... Com algum talento, se fizermos fé no chilrear dos críticos e na inveja das colegas... (Repara agora no «vulto» que, gesticulando muito, mima, em silêncio, uma violenta cena de teatro.) ... O pior é que, coitada, não lhe foi dado compreender a tempo as regras do jogo e... (Afasta uma cortininha, pondo a descoberto um nicho onde há um gongo. Percute o gongo, voltando a correr a cortina.) ... Saiu desta casa da pior maneira! (O «vulto» desaparece e Guilherme regressa, pelando uma cenoura com um canivete de ponta e mola.)

JOSÉ (simulando desgosto) — Teve um acidente. Um lamentável. E definitivo... acidente.

(O «vulto» volta a aparecer. José chama a atenção de Guilherme. Fernanda, de costas, não dá por nada. Guilherme guarda a navalha e começa a comer a cenoura, saindo pelo fundo, pé ante pé. O «vulto» desaparece.)

JOSÉ (paternal) — Mas no seu caso, Menina Fernanda... estou persuadido... tudo vai correr... sobre rodas...

(Guilherme surge, de patins. Ao som da Valsa dos Patinadores, dá duas ou três voltas à cena, voltando logo a sair.)

JOSÉ (solícito) — A menina, com toda a certeza, há-de querer saber qual é o seu trabalho como colaboradora do meu Irmão Augusto... Hem?...

(Sem se comprometer, Fernanda, sorridente, tem um gesto vago.)

JOSÉ (a meia voz, bafejando um anel que usa na mão esquerda e limpando-o à banda do casaco) — Como se isso tivesse, realmente, qualquer importância... (Pausa. Em tom normal.) Ora bem: o meu Irmão é um homem doente... (Elevando a voz.) E não pense que se trata de um doente imaginário!

FERNANDA (como se recitasse uma lição) — Não há doentes imaginários. Uma pessoa que se imagina doente, acaba mesmo por adoecer. (Gesticulando.) As doenças... toda a gente sabe... caem nos braços de quem as procura.



Este segundo volume
de *Teatro Completo* de Jaime Salazar Sampaio
foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 1000 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Setembro de mil novecentos e noventa e sete

CÓD. 205 153 000
ED. 4200095
ISBN 972.27.0863.5

DEP. LEGAL N.º 115 329/97